

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
12 de Março de 2025
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA (I)

L'AVVENTURIERO/THE ROVER / 1967 O Marinheiro

Um filme de Terence Young

Argumento: Joe Eisinger e Luciano Vicenzoni, a partir do romance "The Rover" (1923), de Joseph Conrad / *Diretor de fotografia* (35 mm, Eastmancolor): Leonida Barboni / *Cenários:* Gianni Polidori / *Figurinos:* Veniero Colasanti / *Música:* Ennio Moricone / *Montagem:* Peter Thornton / *Som:* não identificado / *Interpretação:* Anthony Quinn (Peyrol), Rosanna Schiafino (Arlette), Rita Hayworth (a tia Caterina), Richard Johnson (Real), Ivo Garrani (Scevola), Luciano Rossi (Michel), Anthony Dawson (Capitão Dawson) e outros.

Produção: Alfredo Bini, para Arco Film (Roma) / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original em inglês com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 97 minutos / *Estreia mundial:* Itália, 8 de Setembro de 1967 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinemas Condes e Roma), 3 de Maio de 1968 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Rodado e produzido em Itália por um realizador britânico e com atores maioritariamente anglófonos (entre os quais Rita Hayworth, numa presença um pouco patética para os espectadores que conhecem o seu percurso), **L'Avventuriero** foi distribuído internacionalmente com o título do romance de Joseph Conrad que adapta, **The Rover**, palavra que entre outras coisas significa *andarilho* e *pirata*, ou seja, um aventureiro. No entanto, apesar das aparências, o filme não pertence realmente a nenhum género. De início, aparenta ser um filme de aventuras marítimas, mas esta impressão é ilusória já que à exceção das breves sequências que abrem e fecham a narrativa quase toda a ação se passa numa ilha – em grande parte em espaços interiores - onde o *rover* está bloqueado. O fundo histórico da ação, o período imediatamente posterior à Revolução Francesa, quando Napoleão está no poder, passa quase despercebido, posto que tudo se passa numa ilha remota. O filme tem algo do *huis clos*, da narrativa num espaço fechado, onde os personagens se afrontam antes de uma explosão conclusiva e tem inclusive um toque de "filme psicológico", à maneira do cinema americano dos anos 40 e 50: um dos personagens sofreu um trauma no passado, que vem à tona numa espécie de catarse em que o trauma é revivido e resolvido.

A realização foi confiada a Terence Young, experientíssimo profissional que realizou a primeira adaptação das aventuras de James Bond ao cinema, **Dr. No** (1962), filme que é uma espécie de obra-prima de género (ou seja: o melhor filme possível dentro daquilo que se quer fazer), assim como o segundo e quarto da série, **From Russia With Love** e **Thunderbolt**. Nesta adaptação do romance de Conrad que vamos ver, Young respeitou as regras do jogo, isto é, não quis transformar em filme de aventuras uma história que só se refere a "aventuras" passadas, mas não conseguiu privar **L'Avventuriero/The Rover** de uma certa inércia, uma relativa ausência de tensão, que explica sem dúvida o pesado fracasso comercial do filme à época, que estranhamente o produtor não parece ter previsto. A crítica, no entanto, não foi desfavorável, em grande parte devido à admiração dos comentadores por Conrad, que fez calar um eventual complexo de superioridade que pudessem ter em relação a Terence Young. Num artigo publicado em Junho de 1968 no *Jornal de Artes e Letras*, António-Pedro Vasconcelos, opina que o filme de Young "vale pelo que nos faz pressentir do mistério dos personagens e da força das situações originais, se bem que banalizando umas e outras, nem por isso deixa de traçar um louvável esforço para não traçar a qualidade do romance. (...) A principal qualidade do filme de Young, que aqui e ali passa tangente ao espírito

de Conrad, é abrir o apetite do espectador para ler o livro: o papel do crítico será abrir o apetite do espectador para o filme em questão”. Mais específico e mais entusiasta, Miguel Marias, que se afirmaria como um dos melhores críticos e programadores espanhóis da sua geração e não sentia o menor desprezo pelo cinema de Terence Young, foi de opinião em *Nuestro Cine* que o filme conta “*uma história romântica e emocionante, sutilmente misteriosa e cheia de toques estranhos que Young, mais inspirado do que nunca, transmite em belas e antiquadas imagens, apoiando-se numa magnífica direção de atores, numa cor imperfeita e apagada, que alterna tonalidades suaves e brilhantes, num ritmo pausado e melancólico que convertem o filme numa elegia, que é ampliada pela música de Ennio Morricone. Trata-se, ao fim e ao cabo, de uma reflexão sobre a velhice do aventureiro, sobre o seu cansaço e sobre a sua retirada*”, um tema que no cinema foi abordado diversas vezes pelo *western*. O interesse do jovem Jean-André Fieschi, um dos melhores críticos da segunda geração dos *Cahiers du Cinéma* por Conrad, também esteve sem dúvida na raiz da seriedade e da absoluta falta de má-vontade com que abordou o filme num artigo de Dezembro de 1967, quando a revista conhecia um dos seus melhores períodos. Fieschi começa por observar que “*o tema do filme é a ilusão mais do que a aventura, a velhice mais do que a ação. Depois de conseguir forçar com malícia e habilidade o bloqueio de Toulon, o bucaneiro Peyrol, uma vez em terra, torna-se o pivô de um jogo diplomático cujas regras ignora. (...) O filme é a crónica fiel dos seus últimos dias, dos seus últimos encontros e a descrição de uma vertigem*”, observando a propósito do ritmo narrativo: “*A seguir à abertura, rápida e violenta como convém a qualquer narrativa de aventuras, a narrativa encurva-se, distende-se, adota o ritmo de um longo parêntesis ou digressão, como se quisesse mascarar o aspecto patético, irremediável, do seu desenlace. (...) A originalidade do filme reside menos no embate psicológico entre os personagens do que nos elementos estranhos reunidos sob a caução de Conrad. (...) Resulta do jogo destes elementos uma matéria fantasmagórica que, inserida no contexto histórico em que tem lugar a ação e num género considerado imutável (a aventura marítima) opera uma propagação irrealista na narrativa, dá-lhe um encanto especial e submete-o a uma lógica exclusivamente onírica*”.

Em suma, como assinalaram à época Jean-André Fieschi e Miguel Marias, **L'Avventuriero/The Rover** é, até certo ponto o contrário do que espectador poderia esperar. É um filme assombrado por outro filme, em que por debaixo de uma narrativa que promete ser “de aventuras”, jaz uma outra totalmente oposta, a do percurso de um aventureiro que chegou ao fim da sua vida de aventuras. E quando o homem, que não percebeu plenamente o que se passava, rompe com a prisão a céu aberto da ilha onde se encontra e volta para o mar, sela o seu destino, naquele que é o mais belo trecho do filme.

Antonio Rodrigues